
Apresentação

A semiótica e suas fontes: um olhar metassemiótico *

Lorenzo Ciganaⁱ

Patricia Veronica Moreiraⁱⁱ

Estanislao Sofiaⁱⁱⁱ

Historiographical activity always involves a “conditional interpretation”. This has a straightforward explanation: on the one hand, all historiographical work is source-bound, and thus incomplete, and subject to change; on the other hand, it is always, to some extent, subjective, non-definitive, and non-neutral. In other words, we have to be aware of the inevitable presence of ‘dark holes’ in our documentation, and of ‘loose ends’ in our analysis and synthesis (Pierre Swiggers, *Linguistic historiography: a metatheoretical synopsis*, 2017, p. 89).

Si les théories progressent, c’est à reculons : elles s’avancent à pas lents vers leurs prémisses, ou plus exactement vers l’explicitation de leurs prémisses. La sémiotique n’a pas procédé autrement (Claude Zilberberg, *Précis de grammaire tensive*, 2002, p. 115).

Desde sua codificação disciplinar no início do século XX, a semiótica vem ocupando seu lugar no panteão das ciências como um *conhecimento transversal* em relação às teorias e práticas ligadas, direta ou indiretamente, ao estudo dos fenômenos da linguagem: seja como seu *domínio científico compartilhado*, sendo capaz de unificá-las em torno de uma perspectiva (plurívoca) centrada na noção de signo, seja como *método* crítico que visa às bases conceituais inerentes ao conhecimento sedimentado, questionando os processos de construção de sentido com base nos fenômenos culturais. Esses parâmetros

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.220029>.

ⁱ Pesquisador postdoc do Departamento de estudos nórdicos e linguística (Nors), Universidade de Copenhague, Copenhague, Dinamarca. E-mail: cigana.lorenzo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7982-7200>.

ⁱⁱ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-FCL), Câmpus de Araraquara-SP, Brasil. E-mail: moreira.patricia.lettras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-9909>.

ⁱⁱⁱ Pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas Dr. Amado Alonso, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina. E-mail: estanislao.sofia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4232-2468>.

correspondem às linhas de força que orientaram a fundação (e os fundamentos) da própria disciplina.

Pensando em Charles Sanders Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), Ernst Cassirer (1874-1945), Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Algirdas Julius Greimas (1917-1992), Yuri Mikhailovich Lotman (1922-1993), Umberto Eco (1932-2016): encontraremos as diferentes maneiras pelas quais a reflexão semiótica tem funcionado como um discurso unificador em torno dos princípios epistemológicos subjacentes às ciências da linguagem.

Embora a semiótica contemporânea faça parte do horizonte inaugurado por esses gestos, está longe de ter desenvolvido concretamente essas visadas precursoras: a questão da identificação das “leis que regem os sistemas de signos” (Cassirer), o estabelecimento de uma “enciclopédia da estrutura de signos” (Hjelmslev), ou as restrições que articulam o sentido propriamente dito (Greimas, Rastier, Zilberberg, Fontanille, Landowski), permanecendo, na maioria das vezes, no estado de enunciações programáticas. Isso decorreria do status epistemológico de uma disciplina que olha ao mesmo tempo para os instrumentos de aplicação e para o discurso sobre os fundamentos desses mesmos instrumentos, o que a condena a permanecer necessariamente (e continuamente) aberta no que diz respeito aos seus objetivos.

Essas circunstâncias certamente inspiram reflexões aprofundadas sobre as bases epistemológicas das práticas semióticas na contemporaneidade. Em que medida elas ainda se reconhecem na esteira definida pelos programas fundadores mencionados anteriormente? Existe (até que ponto) uma convergência de objetos teóricos, de métodos, de práticas ou de objetivos? Se sim, qual é a economia de coexistência dessas linhas fundadoras na prática “cotidiana” desta única disciplina. Se por outro lado, a resposta for não, como podemos explicar que essa divergência permanece tolerável sem dividir o campo científico, que está sempre ansioso para seguir o caminho da superespecialização? Devemos convocar a imagem de uma inevitável dispersão disciplinar – teórica, metodológica, prática –, uma mudança no ideal de cientificidade introduzido pela pós-modernidade, ou ainda, pela emergência de novos objetos e métodos de análise?

Este número da revista Estudos Semióticos, portanto, teve como objetivo retomar essas questões para reavaliar a situação da semiótica contemporânea. O desafio fundamental deste programa foi o de questionar suas fontes, seja pela abordagem histórica, buscando retrospectivamente a origem da codificação disciplinar, seja sincronicamente, examinando criticamente as questões que a semiótica enfrenta atualmente; e tudo isso sabendo que o que estamos almejando é menos uma história de respostas do que uma perspectiva orgânica sobre os posicionamentos diante do mesmo tipo de problematização.

Dito isso, o leitor encontrará reunidas aqui onze contribuições, incluindo uma entrevista coletiva e uma tradução comentada, que abordam, cada uma a partir de sua própria perspectiva, a questão das fontes da semiótica, destacando os aspectos históricos e epistemológicos relevantes para cada conceito ou teoria escolhida. Em muitos casos, trata-se de retornar, por exemplo, às questões levantadas pela semiologia saussuriana ou pela semiótica russa, bem como às origens de várias correntes da chamada semiótica greimasiana, ou mesmo da semiótica pós-greimasiana, como a sociosemiótica. Há também contribuições que podem ser descritas como provocativas em termos da institucionalização dessa disciplina, bem como reflexões puramente metateóricas, que continuam sendo uma das dimensões essenciais para a avaliação e comparação de teorias. Os artigos deste dossiê oferecem possíveis contribuições semióticas passadas, presentes e futuras para as ciências humanas e os fenômenos culturais, garantindo a transmissão necessariamente cumulativa e dialógica do conhecimento em questão.

Os colaboradores deste dossiê foram convidados a refletir sobre essas questões a partir de uma perspectiva epistemológica e metateórica, baseando-se na história da disciplina e nas questões levantadas por sua prática contemporânea, recuperando sua memória e significado nas ciências humanas. ●

Présentation

La sémiotique et ses sources. Un regard métasémiotique*

Lorenzo Cigana^I

Patricia Veronica Moreira^{II}

Estanislao Sofia^{III}

Historiographical activity always involves a “conditional interpretation”. This has a straightforward explanation: on the one hand, all historiographical work is source-bound, and thus incomplete, and subject to change; on the other hand, it is always, to some extent, subjective, non-definitive, and non-neutral. In other words, we have to be aware of the inevitable presence of ‘dark holes’ in our documentation, and of ‘loose ends’ in our analysis and synthesis (Pierre Swiggers, *Linguistic historiography: a metatheoretical synopsis*, 2017, p. 89).

Si les théories progressent, c’est à reculons : elles s’avancent à pas lents vers leurs prémisses, ou plus exactement vers l’explicitation de leurs prémisses. La sémiotique n’a pas procédé autrement (Claude Zilberberg, *Précis de grammaire tensive*, 2002, p. 115).

Depuis sa codification disciplinaire au début du vingtième siècle, la sémiotique a pris sa place dans le panthéon des sciences comme un *savoir transversal* vis-à-vis des théories et pratiques liées, directement ou indirectement, à l’étude des phénomènes langagiers : soit en tant que *domaine scientifique partagé*, susceptible d’unifier ces démarches autour d’une perspective (plurivoque) centrée sur la notion de signe, soit en tant que *méthode critique* de la base conceptuelle des connaissances sédimentées, en ce qu’elle interroge les procédés de construction des sens sous-tendant les phénomènes culturels. Ces paramètres correspondent aux lignes de force qui ont encadré la fondation (et les fondements) de la discipline elle-même.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.220029>.

^I Chercheur postdoc au Département des études nordiques et linguistique (Nors), Université de Copenhague, Copenhague, Danemark. E-mail: cigana.lorenzo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7982-7200>.

^{II} Docteure au Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-FCL), Câmpus de Araraquara-SP, Brasil. E-mail: moreira.patricia.lettras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-9909>.

^{III} Chercheur du Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas Dr. Amado Alonso, Université de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentine. E-mail: estanislao.sofia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4232-2468>.

Qu'on songe à Charles Sanders Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), Ernst Cassirer (1874-1945), Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Algirdas Julius Greimas (1917-1992), Yuri Mikhailovich Lotman (1922-1993), Umberto Eco (1932-2016): on trouvera les différentes manières dont la réflexion sémiotique s'est inscrite comme discours fédérateur des principes épistémologiques des sciences du langage.

La sémiotique actuelle, tout en s'inscrivant dans l'horizon ouvert par ces visées fondatrices, reste cependant loin d'en avoir épuisé les objectifs : la question de l'identification des « lois qui régissent les systèmes de signes » (Cassirer), celle de l'établissement d'une « encyclopédie de structure des signes » (Hjelmslev) ou encore celle des contraintes articulant le sens en tant que tel (Greimas, Rastier, Zilberberg, Fontanille, Landowski) demeurent souvent, à l'heure actuelle, à l'état d'énonciations programmatiques.

Cela pourrait être lié au statut d'une discipline qui adopte simultanément une perspective applicative, en ce qu'elle développe ses propres outils et méthodes d'analyse, et une perspective réflexive, en interrogeant les fondements épistémologiques de ces mêmes outils et méthodes : une position qui la condamne à rester continuellement ouverte sur ses objectifs.

Ces circonstances suggèrent l'opportunité d'un examen approfondi des fondements (épistémologiques et historiques) des pratiques sémiotiques contemporaines. Dans quelle mesure ces pratiques se reconnaissent encore dans le sillage défini par les programmes fondateurs susmentionnés ? Y a-t-il une convergence quelconque d'objets théoriques, de méthodes, de pratiques ou d'objectifs ? Dans l'affirmative, quelle est la modalité de cohabitation de ces approches dans la pratique quotidienne. Si, en revanche, on répond par la négative, comment expliquer que cette divergence reste tolérable sans fractionner le domaine scientifique, toujours avide de surspécialisation ? Faudra-t-il invoquer l'image d'une inévitable dispersion disciplinaire (théorique, méthodologique, pratique) ? Devra-t-on envisager l'hypothèse d'un changement dans l'idéal de scientificité introduit par la postmodernité ? Serons-nous plutôt contraints de dénoncer l'émergence de nouveaux objets et méthodes d'analyse ?

Ce dossier de la revue ESSE s'est donné comme tâche de revenir sur ces questions afin de réévaluer la situation actuelle de la sémiotique. Le pari a été d'interroger ses sources tant depuis un point de vue historique, en revenant rétrospectivement sur les origines et sur la paramétrisation de ses coordonnées épistémologiques fondamentales, que depuis un point de vue synchronique, en examinant d'une manière critique les enjeux dont la sémiotique se nourrit à l'heure actuelle.

Le lecteur trouvera dans ce dossier onze contributions, dont un entretien collectif et une traduction annotée. Ces contributions abordent, chacune depuis sa

propre perspective, la question des sources de la sémiotique en s'arrêtant sur les aspects historiques et épistémologiques inhérents à chaque démarche théorique et à chaque concept analysé. Maintes fois, il a été nécessaire de retourner sur le questionnement ouvert par la sémiologie saussurienne ou par les développements de la sémiotique russe, ainsi que sur les origines de divers courants de la sémiotique dite greimassienne ou encore post-greimassienne (dont la sociosémiotique). Certaines contributions – qu'on peut se permettre de qualifier comme provocatrices – abordent le problème de l'institutionnalisation de la discipline. D'autres adoptent une réflexion s'inscrivant sur une démarche nettement métathéorique, qui demeure une des dimensions incontournables pour l'évaluation et la comparaison des théories. L'ensemble du dossier interroge des questions qui touchent le passé, le présent ou le futur de notre discipline, garantissant la transmission, nécessairement cumulative et dialogique, du savoir en question.

Les contributeurs ont été invités à s'interroger sur ces problèmes en favorisant une réflexion inscrite dans une dimension épistémologique et métathéorique, s'inspirant à la fois de l'histoire de la discipline et des questions soulevées dans la pratique contemporaine, afin d'en récupérer la mémoire et sa portée sur l'ensemble des sciences humaines. ●

Prefazione

La semiotica e le sue fonti. Una prospettiva metasemiotica*

Lorenzo Cigana¹

Patricia Veronica Moreira²

Estanislao Sofia³

Historiographical activity always involves a “conditional interpretation”. This has a straightforward explanation: on the one hand, all historiographical work is source-bound, and thus incomplete, and subject to change; on the other hand, it is always, to some extent, subjective, non-definitive, and non-neutral. In other words, we have to be aware of the inevitable presence of ‘dark holes’ in our documentation, and of ‘loose ends’ in our analysis and synthesis (Pierre Swiggers, *Linguistic historiography: a metatheoretical synopsis*, 2017, p. 89).

Si les théories progressent, c’est à reculons : elles s’avancent à pas lents vers leurs prémisses, ou plus exactement vers l’explicitation de leurs prémisses. La sémiotique n’a pas procédé autrement (Claude Zilberberg, *Précis de grammaire tensive*, 2002, p. 115).

A partire dalla sua codificazione disciplinare, all’inizio del XX secolo, la semiotica si è installata nel panteon delle scienze come un *sapere trasversale* in rapporto alle teorie e alle pratiche legate, direttamente o indirettamente, allo studio dei fenomeni del linguaggio: sia in quanto *quadro scientifico condiviso*, suscettibile di unificare tali teoria attorno ad una prospettiva, plurivoca, centrata a sua volta sulla nozione di segno, sia come un *metodo critico*, avente come oggetto le basi concettuali inerenti alle conoscenze sedimentate nonché, dunque, i procedimenti di costruzione di senso alla base dei fenomeni culturali. Questi parametri corrispondono alle linee di forza che hanno guidato la fondazione (e i fondamenti) della disciplina stessa.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.220029>.

¹ Ricercatore post-doc presso il Department of Nordic studies and linguistics (Nors), University of Copenhagen, Copenhagen, Danemark. E-mail: cigana.lorenzo@gmail.com. ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-7982-7200>.

² Dottorato attraverso il Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-FCL), Campus de Araraquara-SP, Brasile. E-mail: moreira.patricia.lettras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-9909>.

³ Ricercatore presso il Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas Dr. Amado Alonso, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina. E-mail: estanislao.sofia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4232-2468>.

Che si pensi a Charles Sanders Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), Ernst Cassirer (1874-1945), Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Algirdas Julius Greimas (1917-1992), Yuri Mikhailovich Lotman (1922-1993), Umberto Eco (1932-2016) - ci si troverà davanti a modalità differenti secondo cui la riflessione semiotica si è costituita a discorso federatore dei principi epistemologici sottesi alle scienze del linguaggio.

La semiotica attuale, pur iscrivendosi nell'orizzonte aperto da tali approcci, rimane tuttavia lungi dall'aver esplorato a fondo gli obiettivi che questi hanno posto: le questioni dell'identificazione delle "leggi che regolano i sistemi di segni" (Cassirer), della costruzione di una "enciclopedia delle strutture semiotiche" (Hjelmslev) o, ancora, delle condizioni che articolano il senso in quanto tale (Greimas, Rastier, Zilberberg, Fontanille, Landowski), rimangono tutt'ora allo stato di enunciazioni programmatiche. Questo potrebbe dipendere dallo statuto epistemologico di una disciplina che guarda simultaneamente agli strumenti applicativi e al discorso sui fondamenti di questi stessi strumenti - il che condanna, se così si può dire, questa stessa disciplina a rimanere necessariamente e costantemente aperta sui suoi obiettivi e metodi.

Tali circostanze suggeriscono l'opportunità di un esame approfondito circa i fondamenti epistemologici delle pratiche semiotiche contemporanee. In che misura tali pratiche si riconoscono ancora nell'alveo definito dai programmi fondatori menzionati qui sopra? Vi è, e se sì in quale misura, un qualche tipo di convergenza tra gli oggetti, metodi, pratiche e obiettivi posti da tali programmi? In caso di risposta affermativa, qual è il regime di coesistenza che lega queste linee fondatrici nella pratica "quotidiana" di questa disciplina? E in caso di risposta negativa, in che modo una tale divergenza può darsi senza frazionare il campo scientifico, spesso così disposto a intraprendere il cammino della specializzazione? È necessario invocare l'inevitabilità di un'inversione disciplinare - teorica, metodologica, pratica -, di un cambiamento radicale nell'ideale di scientificità introdotto dalla postmodernità, o invece l'emergenza di obiettivi e metodi di analisi nuovi e differenti?

Questo numero speciale della rivista ESSE si è posto come obiettivo di ritornare su tali questioni seminari per tentare una valutazione complessiva della semiotica contemporanea. La scommessa fondamentale di tale programma è stata di interrogare le fonti - tanto in una dimensione storica, ritornando retrospettivamente alle origini dell'istituzionalizzazione disciplinare della semiotica, quanto in sincronia, esaminando criticamente la posta in gioco teorica messa in campo dalla semiotica attuale. Abbiamo scommesso su tale possibilità pur consapevoli che ciò a cui miriamo è più il tentativo di costruire una prospettiva

organica sui diversi posizionamenti rispetto ad una stessa *Problemstellung*, che una ricostruzione storica delle varie risposte date.

Nel presente numero, il lettore troverà raccolti undici contributi, incluso un'intervista collettiva e una traduzione annotata, che approcciano, ciascuno secondo la propria prospettiva, la questione delle fonti della semiotica, sottolineando gli aspetti storici e epistemologici di volta in volta pertinenti rispetto al quadro teorico di riferimento scelto. Per alcuni autori si tratta di ritornare, per esempio, sul tipo di sguardo aperto dalla semiologia saussuriana, o sulla semiotica russa, come anche sulle origini delle diverse correnti della semiotica greimassiana o della sociosemiotica, di ascendenza postgreimassiana; ma vi si troveranno ugualmente contributi critici rispetto al problema dell'istituzionalizzazione di quest'ultima disciplina, come anche riflessioni a carattere più marcatamente metateorico – un tipo di approccio che resta una delle dimensioni indispensabili per la valutazione e la comparazione delle teorie.

Gli articoli qui riuniti offrono dunque prospettive diverse sul passato e sul presente della semiotica, considerazioni sul suo sviluppo futuro e sul contributo che essa può ancora dare all'insieme delle scienze umane e allo studio dei fenomeni culturali, garantendo la trasmissione, necessariamente cumulativa e dialogica, della disciplina stessa.

I contributori sono stati invitati a interrogarsi su tali problemi favorendo una riflessione di carattere epistemologico e metateorico, ispirandosi alla storia della semiotica e alle questioni sollevate dalla pratica di analisi contemporanea, prolungando al contempo la memoria e la portata teorica di tale disciplina nel complesso delle scienze umane. ●

Presentation

Semiotics and its sources. A metasemiotic investigation*

Lorenzo Cigana^a

Patricia Veronica Moreira^b

Estanislao Sofia^c

Historiographical activity always involves a “conditional interpretation”. This has a straightforward explanation: on the one hand, all historiographical work is source-bound, and thus incomplete, and subject to change; on the other hand, it is always, to some extent, subjective, non-definitive, and non-neutral. In other words, we have to be aware of the inevitable presence of ‘dark holes’ in our documentation, and of ‘loose ends’ in our analysis and synthesis (Pierre Swiggers, *Linguistic historiography: a metatheoretical synopsis*, 2017, p. 89).

Si les théories progressent, c’est à reculons : elles s’avancent à pas lents vers leurs prémisses, ou plus exactement vers l’explicitation de leurs prémisses. La sémiotique n’a pas procédé autrement (Claude Zilberberg, *Précis de grammaire tensive*, 2002, p. 115).

Since its disciplinary codification at the beginning of the 20th century, semiotics took its place in the pantheon of sciences as a transversal discipline cutting across the various theories and practices linked to the study of language, either as their common scientific domain, capable of unifying them around a (plurivocal) perspective centred on the notion of “sign”, or as a critical method targeting sedimented knowledge, questioning the processes of meaning construction underlying cultural phenomena. These parameters correspond to the main directions followed by semiotics in its constitution.

Let us think of the works of Charles Sanders Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), Ernst Cassirer (1874-1945), Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Algirdas Julius Greimas

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.220029>.

^a Post-doc researcher at the Department of Nordic studies and linguistics (Nors), University of Copenhagen, Copenhagen, Denmark. E-mail: cigana.lorenzo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7982-7200>.

^b PhD at Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-FCL), Campus Araraquara-SP, Brazil. E-mail: moreira.patricia.letas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-9909>.

^c Researcher at Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas Dr. Amado Alonso, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina. E-mail: estanislao.sofia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4232-2468>.

(1917-1992), Yuri Mikhailovich Lotman (1922-1993) or Umberto Eco (1932-2016): in all those cases we find various conceptualisations of semiotics as a unifying discourse concerning the epistemological principles of language sciences.

Despite evolving in the wake of these authors, modern semiotics is far from having exhausted the objectives put forth programmatically in the aforementioned theories. The questions of identifying the “laws that govern the systems of sign” (Cassirer), establishing an “encyclopaedia of semiotic structures” (Hjelmslev) or finding the constraints that articulate the very concept of meaning (Greimas, Rastier, Zilberberg, Fontanille, Landowski) have remained, more often than not, at a stage of mere programmatic statements. This, however, might be due to the epistemological status of the discipline itself, which adopts simultaneously an applicative stance, concerning the methods and tools to use, and a foundational stance, aiming at an epistemological justification of these very tools. Such a double perspective might be the reason why semiotics is bound to remain an open-ended discourse in connection with both its objectives and methods.

This state of affairs suggests the opportunity for an in-depth examination of the epistemological underpinnings of contemporary semiotic practices: to what extent do these practices still recognize themselves in the wake of the aforementioned theories? Is there (and in this case: to what extent) any real convergence of theoretical objects, methods, practices, or objectives? In the affirmative, how do these theoretical instances coexist within the single discipline of semiotics in the daily descriptive practice? If the answer is negative, how can we explain that this divergence remains acceptable vis-à-vis the risk of further fragmenting the scientific field in its striving towards overspecialization? Shall we invoke the final image of an inevitable disciplinary dispersion – theoretical, methodological, and practical –, *i.e.* a change in the ideal of science introduced by postmodernism, or shall we rather merely register the emergence of new objects and methods of analysis?

This special issue aims to take a stance on these questions to reassess the state of contemporary semiotics. The challenge consists in interrogating the sources of semiotics – whether historically, by tracing it back to the origins of disciplinary institutionalisation, or synchronically, by critically examining the issues faced by nowadays semiotics – without losing sight of the fact that we are aiming less at a history of answers than at an organic perspective on the various approaches adopted within such an unified *Problemstellung*.

The reader will find a collection of eleven contributions, including a polyphonic interview and an annotated translation, each of which approaches the question of the sources of semiotics from its perspective, highlighting the historical and epistemological aspects relevant to each chosen concept or theory. In many cases, this means to return to the questioning opened, for instance, by Saussurean semiology or Russian semiotics, as well as to the origins of various

currents of the so-called Greimasian semiotics, or of the post-Greimasian sociosemiotics. Some contributions can be qualified as provocative, as they move a criticism of the way semiotics has institutionalised itself; others maintain a pure metatheoretical position, which after all remains the most important dimension in evaluating and comparing different theories. The articles collected herein offer possible contributions to the past, present, and future of our discipline, guaranteeing its necessarily cumulative and dialogical transmission.

The contributors were invited to reflect on these issues from an epistemological and metatheoretical perspective, drawing on both the history of the discipline and the questioning maintained in contemporary practice, to reconstruct both the memory and the significance of semiotics within human sciences. ●

 **Semiotics and its sources. A metasemiotic investigation**

 CIGANA, Lorenzo

 MOREIRA, Patricia Veronica

 SOFIA, Estanislao

Como citar este artigo

CIGANA, Lorenzo; MOREIRA, Patricia Veronica; SOFIA, Estanislao. A semiótica e suas fontes: um olhar metassemiótico. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 3. São Paulo, dezembro de 2023. p. i-xii. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

CIGANA, Lorenzo; MOREIRA, Patricia Veronica; SOFIA, Estanislao. A semiótica e suas fontes: um olhar metassemiótico. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 3. São Paulo, December 2023. p. i-xii. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

